

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Desmascarar a provocação do governo ABATER O ESPANTALHO DO TERRORISMO FAZER FRENTE À REPRESSÃO FASCISTA

A repressão contra os trabalhadores e os comunistas exercida pela burguesia é um dos aspectos mais flagrantes da luta de classes que se processa cada vez mais encarnadamente em Portugal.

O crescendo da luta reivindicativa da classe operária e das massas trabalhadoras por melhores condições de vida e de trabalho, manifestado em concentrações massivas, paralisações e greves, vinha provocando alarme nos meios monopolistas e seus satélites capitalistas. Habitados, por outro lado, a terem em todas as direcções dos sindicatos nacionais, fascistas, instrumentos auxiliares de exploração dos trabalhadores, as suas preocupações atingiram o paroxismo ante a movimentação crescente das massas trabalhadoras no próprio terreno dos sindicatos fascistas que, elegendo ao mesmo tempo direcções da sua confiança para alguns deles, criaram à sua volta e dentro deles um movimento sindical verdadeiramente reivindicativo.

Em tudo isto viram os monopólios o perigo de a curto prazo verem os seus fabulosos lucros diminuir. «Há que acabar com a luta reivindicativa, há que fazer voltar os sindicatos ao rumo do passado», começam a gritar os banqueiros. Numa reunião no Porto resolvem desencadear a repressão a nível patronal e exigir do seu governo acção repressiva enérgica contra as direcções sindicais que se recusam a ser instrumentos dóceis nas suas mãos. Para homologação do novo contrato de trabalho exigem que os empregados aceitem mais meia hora de trabalho diário e pretendem roubar-lhes as regalias de previdência conquistadas. Os empregados recusam e a repressão patronal e policial desencadeia-se para os fazer vergar e paralisar a todo o movimento sindical reivindicativo tanto à escala regional como nacional.

Caetano e Rapazote satisfazem servilmente os desejos dos monopólios atirando as forças repressivas contra os trabalhadores, conduzem a caça aos comunistas e outros democratas, pregando ao mesmo tempo através de todos os meios de propaganda o egoísmo individual, a divisão entre os trabalhadores e os democratas e o conceito da delação

como forma dos trabalhadores resolverem os seus problemas individuais.

Discursando, em Setúbal, no passado dia 20 de Junho, M. Caetano foi claro: «Ora, uma liberdade que permita aos seus inimigos actuar à vontade, é uma liberdade suicida». E, «o que está em causa é correr os riscos da revolução socialista ou escolher a reforma da sociedade em que se mantenham as liberdades essenciais da pessoa e a iniciativa privada na Economia».

M. Caetano confessava assim, sem querer, que é uma irreconciliável luta de classes que se desenvolve e agudiza cada dia que passa em Portugal. Trata-se, pois, de uma luta entre inimigos de classe.

O ANTICOMUNISMO, BÂNDERA DA REPRESSÃO

Inserido no quadro da agudização da luta de classe que se processa no país, o anticomunismo é a bandeira com que se cobrem M. Caetano, Rapazote, Rebelo de Sousa, Silva Pinto e os reaccionários de todos os matizes para justificarem a repressão que há meses se vem abatendo sobre os trabalhadores e o movimento democrático, para ordenarem toda a casta de atrocidades e de crimes contra os comunistas, para dividir e amedrontar os antifascistas, confundir as massas populares e em seguida liquidar o movimento democrático e reivindicativo.

Que não conseguirão estes

É esta repressão de classe contra os trabalhadores que reclamam e lutam no terreno legal, semi-legal e ilegal por melhores condições de vida, pela liberdade política, pela paz, que transforma praticamente todas as acções reivindicativas em acções políticas, que assumem, por vezes, carácter mais ou menos violento.

É isto também que vai mostrando à classe operária e às massas trabalhadoras que sem uma transformação política da sociedade não poderá haver soluções inteiras dos seus problemas e dos problemas nacionais, que essa transformação só pode ser realizada pela violência das massas populares, e isto por culpa da ditadura fascista que fechou ao povo português outra qualquer via.

objectivos, mostram-no o tom e o conteúdo dos comunicados e notas oficiais do governo, os discursos «conversas» e entrevistas de Caetano e Rapazote.

Embora desajeitadas, as «explicações», «justificações» e «informações» sobre a vaga repressiva que varre o país, as prisões, os processos cruéis de actuação da PIDE-DGS contra os presos, etc., só foram possíveis pela magnífica reacção popular, em especial dos empregados bancários de Lisboa e Porto, contra a repressão, contra as violências da PIDE, pela libertação dos presos.

(continua na 2.ª pág.)

Há 30 anos O «AVANTE!»

Em Agosto de 1951 saía o primeiro número da actual série do «Avante!».

Durante estes 30 anos de publicação ininterrupta, o «Avante!» esteve sempre na brecha com a classe operária, as massas trabalhadoras da cidade e do campo, os intelectuais progressistas, os estudantes, com todos aqueles que de uma maneira ou de outra têm participado na luta contra a ditadura fascista, pelo páo, a democracia, o socialismo, a paz.

A classe operária, os trabalhadores, compreendendo a importância do papel do «Avante!» na orientação das suas lutas, acirram-no, defendem-no, mantêm-

-no juntamente com a direcção do Partido, os tipógrafos, os distribuidores e redactores que não poupam nem cansaças nem sacrificios para que o «Avante!», o nosso «Avante», melhor sempre de aspecto e conteúdo e mais vitoriosamente às investidas do inimigo de classe.

Saudando neste momento a classe operária, os trabalhadores, intelectuais e estudantes pelas batalhas que têm travado nestes sete meses do ano do 50.º aniversário da actual série, o «Avante!» apela para todos reforçarem a sua ajuda financeira à imprensa do Partido.

Viva o «Avante!»

ACTUAR por objectivos concretos e imediatos realistas

A reanimação do movimento democrático, verificada nos últimos meses, explica-se pelo facto de se terem retomado as reuniões e encontros locais, regionais e nacionais, de as discussões ali passarem a incidir, no fundamental, em volta de alguns problemas mais concretos e sentidos pelas massas populares e que lhes incentivam a tomar para a acção dos democratas em volta desses problemas.

As discussões intermináveis e estéreis em volta de programas de tipo partidário, que não criam e não abrem um movimento aberto e vivo democratas de todas as tendências políticas e credos religiosos, que não têm passado nenhuma, que não tenham uma possessão recente à sua inação.

Eis, porém, que ressurgem ideias e concepções que se julgavam ultrapassadas que, a não serem combatidas no terreno político com a rapidez necessária, poderão provocar de novo de graves estóreis e conduzir o movimento democrático a uma apatia que será depois muito mais difícil sair.

A ideia e proposta de uma campanha nacional por uma reforma da Previdência e a criação marçã o efeito de uma campanha para o movimento aberto democratas de todas as tendências políticas e credos religiosos, que não tenham uma possessão recente à sua inação.

Na defesa de uma tal proposta, dizer-se que uma luta contra a carestia da vida não seria objectivo certo para o movimento e que a luta contra a censura se dirige apenas ao sector intelectual e que, por serem lutas «politizadas», afastam as massas por medo, dizer-se isto numa altura em que massas enormes de trabalhadores lutam por aumento de salários, clamam contra o aumento dos preços, lutam de uma maneira ou de outra contra a carestia da vida, não é a expressão do pensamento, além de significar uma manifestação do pior oportunismo mostra que se vive afastado da realidade nacional.

Cabe perguntar: Acaso uma luta por uma «reforma» da Previdência (caso fosse de admitir como justa e oportuna) não seria uma luta «para a política»? Cabe perguntar: Uma «reforma» da Previdência insere-se (como se insere uma nome «estratégia sindical») nos objectivos da PIDE-DGS, mas não deve inserir-se nos objectivos de um movimento democrático que considera necessária uma mudança de regime social e político para que os direitos dignos desse nome possam ter lugar, isto é, democráticas. «Reformas» levadas a cabo no âmbito do regime fascista não serão nem servir este.

As mudanças operadas nos serviços da Previdência são fruto das lutas constantes das massas trabalhadoras e nada têm a haver com «reformas». No terreno da Previdência continuamos a pensar que a tarefa que se coloca aos trabalhadores é de continuarem a lutar passados e no futuro, e cumprir a sua tarefa de adquirir reformas, abonos de família, assistência médica e medicamentosa, etc., e pela conquista de outras.

As mudanças operadas nos serviços da Previdência são fruto das lutas constantes das massas trabalhadoras e nada têm a haver com «reformas». No terreno da Previdência continuamos a pensar que a tarefa que se coloca aos trabalhadores é de continuarem a lutar passados e no futuro, e cumprir a sua tarefa de adquirir reformas, abonos de família, assistência médica e medicamentosa, etc., e pela conquista de outras.

As mudanças operadas nos serviços da Previdência são fruto das lutas constantes das massas trabalhadoras e nada têm a haver com «reformas». No terreno da Previdência continuamos a pensar que a tarefa que se coloca aos trabalhadores é de continuarem a lutar passados e no futuro, e cumprir a sua tarefa de adquirir reformas, abonos de família, assistência médica e medicamentosa, etc., e pela conquista de outras.



UMA GUERRA CRIMINOSA QUE O POVO PORTUGUÊS CONDENA

Os factos trazem à tona as mentiras e incongruências dos fascistas colonialistas portugueses acerca das derrotas que estão sofrendo nas criminosas guerras coloniais.

Assim, nos jornais do dia 11 de Junho foi divulgada a notícia de que os patriotas do PAIGC tinham tomado o Bissau utilizando foguetes de «longo alcance». Como? Pois não estão as dos movimentos de libertação instaladas nos países vizinhos? Sendo assim, como os fascistas-colonialistas afirmam a cada passo, é caso para dizer: Que «longo alcance»... A mesma fonte noticiosa também assinalava «a calma e a serenidade demonstrada pela população da cidade». Porém, pouco mais de um mês havia decorrido e já um comunicado do nazi-fascista Spínola cantava noutro tom deixando revelar que o alarme e a inquietação em Bissau eram grandes em resultado de «notícias «boatas». Não estariam estes relacionados com os novos sucessos do P.A.I.G.C., designadamente a elevação da situação da população de Cabo Verde? Uma única coisa ficava clara neste comunicado: a ameaça de forte repressão. Aqui, são os factos comunicados com as palavras: uma delegação da Pide-DGS era entretanto instalada em Bissau, com plenos poderes para tomar e assassinar patriotas guineenses.

Tal facto, só por si, permite concluir que os sucessos do PAIGC, tanto no domínio militar como no político, estão tornando insustentável a permanência dos fascistas colonialistas na Guiné e que estes foram «forçados a desapercegar para retardar a hora da debandada».

Esquecendo que os comunicados dos seus altos comandos, embora falsificados, não tinham o testemunho de um número crescente de operações militares de sucesso, os seus portugueses mortos em combate, os fascistas colonialistas justificam ridícula e cruelmente com o seu cheiro que se trata apenas de «crimes militares», «terroristas» vindos do exterior, negando ao mesmo tempo que os movimentos de libertação nacional controlam nas regiões vizinhas as áreas regiões já libertadas.

A tal respeito, o comunicado 171 do FRELIMO, do datado de 3 de Março passado, é esclarecedor acerca dos crimes conta das principais direcções em que se desenvolve a luta de libertação nacional em Moçambique: «a) Consolidação das regiões libertadas; b) Intensificação do trabalho de mobilização política e de organização das populações que vivem nas regiões ainda dominadas pelos colonialistas portugueses; c) Extensão da confrontação armada a novas regiões». Informando sobre o saldo das operações militares entre Novembro e meados de Janeiro findos, o comunicado dá estes resultados finais reveladores: «338 soldados portugueses mortos, mais de 43 veículos, 3 canhões e 4 tractores destruídos, 9 postos militares atacados, 4 pontes e 2 comboios destruídos».

Non prosseguimento da política de alianças e contínuos com os regimes reaccionários vizinhos das colónias portuguesas, Rui Patrício deslocou-se a Africa do Sul e Silva

Cunha ao Malawi. Porém, dos resultados das conversações havidas pouco ou nada foi revelado. «Conversações interessantes sobre problemas de interesse mútuo» e «assuntos de maior interesse para os 2 países», eis no que Rui Patrício e Silva Cunha resumiram as suas visitas ao regressarem a Portugal. O laconismo dos governantes fascistas não deixa anevar nada de bom para a luta dos povos coloniais. Já era conhecida a ajuda militar dos racistas da Africa do Sul que interveem directamente em Moçambique e em Angola com as suas tropas, a sua policia e as suas armas e a politica de tratá-los aos povos africanos do ditador Banda.

As prooçações e as conspirações contra os povos africanos vizinhos das colónias portuguesas não irradam nada de bom a Portugal. Os fascistas, como sempre, respondem de que não, e os condonados com matarbarismos verbais que não enganam ninguém. Ninguém duvida que, com o fim de provocar choques entre o governo do Senegal e a PAIGC o governo português não hesitasse em colocar naquele país minas de fabrico soviético capturadas nos patriotas guineenses, tal como para fazer derrubar o governo da Republica da Guiné e vibrar assim um rude golpe ao PAIGC, o governo português não hesitou nem hesita em se aliar às forças reaccionárias deste país.

Só a fogo o sangue, os fascistas-colonialistas vão conseguindo prolongar nas colónias as apregoadas obras «civilizadoras» dos seus antepassados.

patriotas assassinados figuram JOEL MONTEIRO GIDOUVE, preso em 1964 e condenado a 3 anos de prisão, dirigente do FRELIMO, SIDENIO NHO NHO, outros...

A mesma reacção hostil tem-se abateido sobre os combatentes do PAIGC e do M.P.L.A. Impotentes para destruir o poder mobilizador dos movimentos de libertação nacional, os colonialistas portugueses fazem cair o seu ódio criminoso sobre as populações de Angola, Moçambique e Guiné; bombardeiam aldeias, devastam culturas, massacraram e dizem populações. Nos aldeamentos, feitos no sentido do modelo imperialista norte-americano das «aldeias estrategicas» no Vietnam do Sul, os fascistas-colonialistas concentram pela força as populações do mato para impôr a sua fuga para as regiões libertadas. Esta pratica é quase sempre acompanhada de actos de terror. No dia 20 de Maio, massacraram 25 mulheres e crianças no distrito de Tete, em Moçambique, por se recusarem a abandonar as suas aldeias nos «aldeamentos».

A expulsão dos padres brancos de Moçambique, que se tornaram abo dos acontecimentos, não é o motivo em que o próprio Caetano deu o nome está ligada à denuncia de tais crimes.

E para cometerem estas façanhas barbares, em nome da «Pátria» e da «Civilização» que os jovens são submetidos a uma revoltante preparação militar, nos campos e durante o tempo que permanecem nas colónias.

A poseição à guerra colonial torna formas cada vez mais amplas e decididas: cresce a resistência nos quartéis aumentando o numero de desertores (102 em Janeiro, 154 em Fevereiro); aumentam as percentagens de faltas às inspecções (60% em Guiné no mês de Junho); os milhares dos jovens soldados dão lugar a manifestações populares contra as guerras coloniais nem sempre silenciosas. Pide-DGS e o PSN e o GNR em muitos casos não conseguem impedir a afixação de cartazes pacíficos e que nos discursos fúnebres sejeitos a Amélia, como sucedeu em Matosinhos, num funeral em que se incorporaram 200 pessoas, na sua maioria jovens.

Sabe-se que a luta de libertação nacional nas criminosas guerras coloniais e que dele apenas tem a esperar desencantamento, desconfiança e desercão hostilidade. A Caetano lastima-se declarado que tem que contar com uma «rectaguarda sensível».

O povo português sente e sabe que os povos das colónias são seus irmãos de combate na luta contra o inimigo comum — o fascismo português — e que a intensificação da luta contra as criminosas guerras coloniais é uma necessidade imperiosa, um acto de patriotismo e um dever solidário.

SAUDAÇÕES DOS PARTIDOS IRMÃS

(continuação da 3.ª pára.)

no povo português, as duras provas por ele vividas durante 15 anos de profunda clandestinidade e o seu papel de grande partido nacional, acrescentando: «Os comunistas portugueses lutam em duras condições dum ditador fascista, seguem com interesse a luta dos comunistas portugueses em defesa da liberdade e do progresso e de todas as forças democráticas e patrióticas do país na luta pelo derrubamento da ditadura fascista...»

PARTIDO PROGRESSISTA DO POVO TRABALHADOR DO CHIPRE: A mensagem deste Partido irmão, assinada pelo seu secretário-geral, camarada Eustáthios Papaioannu, saúda a luta consequente do nosso Partido contra o fascismo e o imperialismo, pela democracia e o progresso em Portugal e pela libertação das colónias portuguesas.

O TERROR SANGRENTO NO SUDÃO SERVE O IMPERIALISMO

Após o malogrado golpe de Estado militar de 19 de Julho, os julgamentos sumários, as execuções arbitrárias, as prisões em massa prolongam-se por dias sucessivos, enchendo de indignação e dor toda a opinião pública democrática internacional.

As forças reaccionárias sudanêsas fazem cair sobre as forças progressistas e patrióticas do País, e particularmente sobre o Partido Comunista do Sudão uma repressão sangrenta.

Para regozijo do imperialismo e de toda a reacção internacional, a impiedosa punição dos chefes e responsáveis do golpe militar foi acompanhada por uma selvática e frenética campanha anticomunista: o secretário-geral do Partido Comunista do Sudão, camarada **Abdel Khalek Mahgoub**, o secretário-geral da Federação dos Sindicatos, camarada **Shafie Ahmed el Shiekh** e outros destacados dirigentes comunistas foram assassinados.

Com a liquidação física de numerosos dirigentes comunistas e a prisão de milhares de militantes e activistas, as autoridades sudanêsas visam antes do mais a liquidação da principal força revolucionária no País — o Partido Comunista do Sudão — para mais facilmente poderem aniquilar todas as forças democráticas. Este negro objectivo tornou-se ainda mais claro com a posterior dissolução da Federação dos Sindicatos e outras organizações democráticas.

Surdos ao clamor de protestos que se levantou no mundo, e mais vigorosamente partindo da União Soviética e de outros países socialistas da Europa, dos partidos comunistas europeus e árabes, e das organizações nacionais e internacionais de trabalhadores, de organizações progressistas internacionais de partidos progressistas de vários países, de manifestações e comícios de protesto levados a cabo por milhares de trabalhadores na União Soviética, Bulgária, Polónia, Checoslováquia, República Democrática Alemã, França, etc, os dirigentes sudanêsas não cessam nem abrandam a sua campanha de terror e ao seu anticomunismo sangrento não tardaram a juntar o seu anti-sovietismo declarado. Porém, a pretexto de melhor defender desta forma os interesses do povo sudanês, a clique de Nimeiri nada mais faz do que favorecer o imperialismo e o sionismo e, consequentemente, enfraquecer a luta geral dos povos árabes contra os seus inimigos comuns.

Os comunistas portugueses prestam homenagem à memória dos seus camaradas sudanêsas vítimas da monstruosa vaga de terror e exprimem a sua solidariedade de combate ao Partido Comunista do Sudão, que sempre se manteve com honra na vanguarda da luta pela independência e o progresso do povo sudanês; com os trabalhadores portugueses condenam e exigem o fim da criminoso repressão de que está sendo alvo este Partido irmão e todas as forças progressistas sudanêsas.

militares portugueses torturam até à morte um patriota africano

Denunciando a intensificação da repressão e novos crimes dos colonialistas portugueses, o referido comunicado do FRELIMO diz: «Sómente nas províncias de Lourenço Marques e Gaza, na Sul de Moçambique, 1.400 moçambicanos foram presos no decurso dos meses de Junho, Julho e Agosto, pela Pide-DGS (Policia Secreta Portuguesa) e acusados de pertencem a FRELIMO». «Na prisão central de MACHAVA, a 19 quilómetros da capital, 18 moçambicanos foram mortos pelos colonialistas depois de terem sido brutalmente torturados sob a acusação de serem os líderes dum movimento de agitação e mobilização organizado pela FRELIMO no seio dos 3.000 prisioneiros políticos detidos nessa prisão. Entre os